

# Editorial

A E-Compós, assim como as demais revistas acadêmicas, alimenta e dá visibilidade às reflexões do campo comunicacional em sua intensa diversidade. Editar a revista é o mesmo que estar com uma antena ligada nas diversas linhas de investigação, foco e abordagem, desenhando as questões que alimentam nosso debate acadêmico.

A tarefa não é fácil. Cada um dos textos que são enviados segue uma longa dinâmica de avaliação que, muitas vezes, demora muito mais que o previsto. Dois pareceres, às vezes um terceiro, e tudo isso pode levar meses. A revista recebe muitos textos. De antemão, agradecemos os autores que confiam em nossos processos de avaliação nos permitindo, com frequência, mediar e acompanhar diálogos densos em torno de questões tratadas nos muitos textos que transitam pela E-Compós.

Atualmente, temos cerca de 40 textos em processo de avaliação, em trânsito entre editores, autores, pareceristas e revisores. Tudo isso gasta tempo e, às vezes, a enorme demora no retorno dos pareceres faz o processo se tornar ainda mais lento, afetando diretamente os autores, mas, sobretudo, prejudicando as dinâmicas de produção de conhecimento em nossa área. Uma das questões mais importantes para que a E-Compós se torne uma revista ainda mais forte e representativa de nossos esforços de pesquisa e reflexão é o engajamento dos pareceristas. Eventualmente, os quatro meses, entre uma

edição e outra, parecem insuficientes para construirmos uma edição. Por isso, o segundo agradecimento vai para os pareceristas que compõem o Conselho Editorial da E-Compós e também aos muitos pareceristas *ad-hoc* que solicitamos para agilizarmos processos mantendo a qualidade da revista. É importante ainda agradecer ao silencioso e competente trabalho de Márcio Negrini, assistente editorial da revista e que tem sido central para organizar e manter as dinâmicas da revista.

Abrimos esta edição com o artigo “Documentário *queer* no Sul do Brasil: apontamentos gerais”, que reflete a Dissertação “Documentário *queer* no Sul do Brasil (2000-2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT”, desenvolvida por Dieison Marconi no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM) e que recebeu o prêmio Eduardo Peñuela Melhor Dissertação em 2016. Dividindo a autoria com seu orientador Cássio Tomain, Marconi trata em seu trabalho das representações das personagens LGBT nos documentários da região Sul do Brasil, produzidos entre 2000 e 2014, tangenciando em que medida estes documentários partilham de uma estética *queer*.

Na seção **Epistemologia**, publicamos o artigo de José Cláudio Siqueira Castanheira “Modelos de escuta: delineando o objeto de pesquisa”, o qual desenvolve uma reveladora reflexão construindo um trajeto entre as diversas teorias que tomaram a escuta, em sua complexidade e fugacidade, como objeto de pesquisa.

Na seção **Tecnologias da comunicação**, agrupamos dois textos que tratam de distintas tecnologias, mas relacionando-as, cada um à sua maneira, com questões políticas. “Dinâmica transnacional da mídia: processos de regulação na globalização comunicacional”, de Carlo José Napolitano e Augusto Junior da Silva Santos, apresenta um quadro de referências

que relaciona as tensões e lacunas entre os processos de regulamentação dos meios de comunicação e o intenso processo de globalização que experimentamos. A globalização econômica e a midiática confrontadas para pensarmos na política dos meios de comunicação em relação à incidência do capital estrangeiro. Já Carlos Alberto Carvalho, em “Banalidade do mal em comentários de leitores: internet e disseminação da intolerância”, elabora diálogos densos com o campo teórico em um ensaio que traça um panorama da intolerância e questiona, de forma incisiva, os desafios teóricos e metodológicos da comunicação neste contexto.

Já em “Sociedade civil e regulação da mídia: estudo de caso sobre o PL da mídia democrática”, de Alessandra Maia Terra de Faria, Theófilo Codeço Machado Rodrigues e Larissa Santiago Ormay, que ocupa a seção **Política**, a questão é a forma de acionar discussões mais amplas na vida social, especialmente em relação ao campo da comunicação social, com Projetos de Lei. O texto traz como estudo de caso a mobilização social em torno do projeto de lei de iniciativa popular da mídia democrática.

Maurício Guilherme Silva Jr. e Elton Antunes, em “Do desejo de traduzir à transcrição: apontamentos sobre a decodificação jornalística do discurso científico, com base em conceitos de Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paul Ricoeur”, trazem uma discussão de práticas ligadas à cobertura jornalística da ciência.

Dois textos figuram na seção **Televisão** abordando questões que extrapolam o meio em si para refletirem sobre os desdobramentos nas dinâmicas sociais. Em “Jogando com a comida: MasterChef e os recursos televisuais que tornam espetacular uma atividade ordinária”, Carlos Eduardo Marquioni e Fernando Andacht observam como o programa maneja a culinária e sua sofisticação para irem além de questões gastronômicas. A análise do programa, junto com os

aspectos semióticos, toma entrevistas com profissionais da produção da primeira edição do programa para desenvolver características que garantiram sua popularidade. Por outro lado, Eduardo Vicente e Rosana Soares mostram um jogo de referências entre rádio e televisão, tendo como ligação a novela em “Entre o rádio e a televisão: gênese e transformações das novelas brasileiras”.

“Imagem cinematográfica e pensamento: a imagem-percepção na confluência de teorias de Deleuze e Peirce”, de Maria Ogécia Drigo, na seção **Cinema**, aponta aproximações e diálogos entre Pierce e Deleuze para analisar as imagens em movimento.

Encerrando a revista, a seção **Temas Livres** traz as reflexões de Denilson Lopes e Marcelo Santos. Lopes, em “Afetos. Estudos Queer e Artifício na América Latina”, analisa a noção de afeto nas teorias de Deleuze e Guattari para pensar seu uso nos estudos *queer* em língua inglesa, buscando no artifício o ponto de aproximação entre os termos e as abordagens. Já em “A linguagem gráfica de quem não vê: primeiros resultados empíricos”, Marcelo Santos mostra os primeiros resultados empíricos de sua pesquisa que investiga a produção de imagens por cegos refletindo as questões ligadas à visualidade.

Boa leitura a todos!

**Os editores**